

A VIAGEM COMO MISSÃO



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO
DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES
IARA BELELI – IARA LIS SCHIAVINATTO – MARCO AURÉLIO CREMASCO
PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

WILMA PERES COSTA
CARLOS LIMA JUNIOR
(ORG.)

A viagem como missão

*Sobre o diário de Afonso
Taunay na Europa (1909)*

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
BIBLIOTECÁRIA: MARIA LÚCIA NERY DUTRA DE CASTRO – CRB-8ª / 1724

V65 A viagem como missão: sobre o diário de Afonso Taunay na Europa / organizadores:
Wilma Peres Costa, Carlos Lima Junior. Campinas, SP : Editora da Unicamp,
2023.

1. Taunay, Afonso de Escagnolle, 1876-1958 – Diário de viagem. 2. Missão
Artística Francesa. 3. Historiografia. 4. Museus. 5. Memória coletiva. I. Costa,
Wilma Peres. II. Lima Junior, Carlos.

CDD – 709.034
– 907.2
– 069.5
– 128.3

ISBN 978-85-268-1597-1

Copyright © Wilma Peres Costa, Carlos Lima Junior
Copyright © 2023 by Editora da Unicamp

As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade dos autores e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

AGRADECIMENTOS

OU ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O INÍCIO, O MEIO E O FIM DA “VIAGEM”

“O passado é um país estrangeiro.”

L. P. Hartley

Este trabalho resulta de uma grande colaboração coletiva. A construção dos textos e a formulação das notas aconteceram a partir das animadas reuniões organizadas na casa de Wilma Peres Costa e Marcus Ozores, entre 2018 e 2020. Desses encontros, que foram se convertendo cada vez mais numa espécie de “saraus taunaysianos”, pudemos conjuntamente refletir sobre as inúmeras leituras possíveis sobre o diário redigido por Afonso Taunay. A pesquisa, no entanto, não chegaria a bom termo sem o auxílio fundamental de inúmeros profissionais ligados às instituições públicas, tanto do Brasil quanto da França, percorridas nesses últimos anos.

Ana Laura de Andrade, Flávia Urzua, Tatiana Vasconcelos, Rodrigo Irponi e Ricardo Da Matta, do Centro de Documentação Histórica do Museu Paulista da Universidade de São Paulo (SVDHICO), não mediram esforços para acessar o importante acervo da Família Taunay, no qual está preservado o diário de viagem. Na Biblioteca do Museu, tivemos o auxílio de Simone Kruth, que, com sua habitual paciência, disponibilizou tantos livros, muitos deles, inclusive, do próprio Taunay. Ainda no Museu Paulista, pudemos contar com o entusiasmo e o incentivo de Jorge Pimentel Cintra e Paulo César Garcez Marins.

Foram imprescindíveis as buscas na Hemeroteca Digital da Fundação da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e na base Gallica da Bibliothèque Nationale de France. Em Paris, pudemos consultar também o importante acervo da Bibliothèque Historique de la Ville de Paris, da Bibliothèque Sainte-Geneviève, e documentos e livros pertencentes à Bibliothèque de l’Institut

National d’Histoire de l’Art (Collection Jacques Doucet). No que diz respeito à localização de algumas imagens citadas por Taunay ao longo do diário, foi fundamental também a visita ao Musée du Louvre, ao Musée de la Légion d’Honneur et des Ordres de Chevalerie e ao Château de Versailles.

Afrânio Garcia acolheu a pesquisa com o Groupe de Recherche sur le Brésil Contemporain da École des Hautes Études en Sciences Sociales (Ehess), quando pudemos não apenas apresentar os resultados parciais da investigação, como ouvir seus preciosos e certos comentários. Na ocasião tivemos a sorte de contar com a presença de Aline Menoncello, Camila Gui Rosati, Francislei Lima da Silva, Karina Anhezini, Maria Lucia Bueno e Manuel Cariz, que abrilhantaram ainda mais as discussões. Ainda na capital francesa, o encontro com Elaine Dias rendeu boas interlocuções sobre as diferentes gerações dos Taunay – de Nicolas-Antoine a Afonso.

Cabe um agradecimento especial à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) – Auxílio 2019/02230-0 – e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Bolsa produtividade – pelos apoios concedidos à Wilma Peres Costa no financiamento da investigação no Brasil e na França.

Dedicamos este trabalho a todos e todas que de algum modo nos acompanharam nessa longa “viagem” guiada pelas letras – algumas vezes indecifráveis – de Afonso Taunay, por terras estrangeiras.

*A princípio é muito agradável a vista das
culturas diversas, depois torna-se cansativa.*

Afonso d'Escragnolle Taunay,
Sábado, 12 de junho de 1909

SUMÁRIO

Lista de imagens	11
Introdução – convite à viagem	13
<i>Wilma Peres Costa, Carlos Lima Junior</i>	
Viagem pelo Orcoma. Notas tomadas a esmo	23
<i>Afonso d’Escragnolle Taunay, 1909</i>	
Nos bastidores da viagem: transcrição e notas de um manuscrito de Afonso Taunay	119
<i>Amanda Aparecida Carvalho, Josiane Nunes Machado Sampaio, Heloísa Catani Mariani Pavoni, Thaís Aparecida Fogaça e Marcus Vinicius Pasini Ozores</i>	
1. Uma viagem de formação	125
<i>Wilma Peres Costa</i>	
2. O <i>Grand Tour</i> de Afonso Taunay: entretenimento, pesquisa e missão de família em Paris	165
<i>Lucia Maria Paschoal Guimarães</i>	
3. O <i>séjour</i> de Afonso Taunay na Europa: em busca de uma “missão” ..	183
<i>Carlos Lima Junior</i>	
4. A viagem de Afonso d’Escragnolle Taunay: o estabelecimento do turismo e os guias de viagem durante a <i>Belle Époque</i> (São Paulo-Paris, 1909-1910)	209
<i>Joana Monteleone</i>	
Referências bibliográficas	233
Sobre os autores	245

LISTA DE IMAGENS

Viagem pelo Orcoma. Notas tomadas a esmo

Imagem 1 – Trecho inicial da narrativa, em que se vê a listagem da comitiva que foi se despedir de Afonso e Sara, na Estação da Luz. Crédito fotográfico: Marcus Ozores.

Imagem 2 – No desenho feito por Taunay, um trecho da ilha de Fernando de Noronha, com o pico que tinha “feição de torre”, conforme suas observações. Crédito fotográfico: Marcus Ozores.

Imagem 3 – Programa do concerto de 8 de junho de 1909 preservado no manuscrito do relato da viagem. Coleção Família Taunay. SVDHICO – MP – USP. Crédito fotográfico: Carlos Lima Junior.

Imagem 4 – Página do caderno de viagem na qual Afonso desenhou a planta do apartamento em Paris. Coleção Família Taunay. SVDHICO – MP – USP. Crédito fotográfico: Marcus Ozores.

Imagem 5 – Caderneta de Trabalho de Afonso Taunay na Biblioteca Nacional da França (1909). Note-se o hábito de fazer contas de gastos cotidianos, presente em muitos papéis de Afonso Taunay. Coleção Família Taunay. SVDHICO – MP. Crédito fotográfico: Marcus Ozores.

Imagem 6 – Afonso Taunay e Sara de Souza Queirós. No colo do pai, Ana, e no da mãe, Paulo, que nasceu em fins de 1909, enquanto o casal se encontrava na Europa. FAT – SVDHICO – MP – USP.

Capítulo 3 – O *séjour* de Afonso Taunay na Europa: em busca de uma “missão”

Imagem 3.1 – Afonso Taunay acompanhado de alunos (todos homens) do 5º ano do Gymnasio de São Bento em imagem colada em um de seus diários de capa verde preenchidos de recortes de jornais. Na rotina de historiador e diretor do Museu Paulista, cabiam também as aulas de química, assumidas ainda anos antes da viagem à Europa, em 1909. SVDHICO – MP. Crédito fotográfico: Carlos Lima Junior.

Imagem 3.2 – François-Joseph Heim (1787-1865). *Charles X distribuant des récompenses aux artistes, à la fin du Salon de 1824 au Louvre*. 1824. Óleo sobre tela. 1,73 x 2,56 m. Musée du Louvre, Paris.

Imagem 3.3 – Com a casaca própria dos membros da Académie Française, Nicolas-Antoine Taunay, com seus grandes óculos redondos e cabelos brancos, é retratado por Heim na tribuna com outros artistas que assistem à distribuição dos prêmios pelas mãos de Carlos X, no Salon Carré do Musée du Louvre.

Imagem 3.4 – Retratos de Nicolas-Antoine Taunay. Afonso Taunay, 1911.

Imagem 3.5 – Afonso Taunay. “Николя Антуан Таунай” [Nicolas-Antoine Taunay]. *Starye Godye*. São Petersburgo, 1910. Crédito fotográfico: Carlos Lima Junior.

Imagem 3.6 – As duas pinturas de Nicolas-Antoine Taunay dispostas no Hermitage mencionadas por Afonso: *Le torreant e Paysage avec la ronde des paysans*. Afonso Taunay. “Николя Антуан Таунай” [Nicolas-Antoine Taunay]. *Starye Godye*. São Petersburgo, 1910. Crédito fotográfico: Carlos Lima Junior.

Imagem 3.7 – Uma pesquisa nunca dada por finalizada: anotações feitas por Afonso Taunay na obra que reúne documentos e pinturas de seu bisavô. Na base da página, uma das notas data de 1956, registrada 40 anos após a publicação do livro, realizada em 1916. Créditos fotográficos: Carlos Lima Junior.

Imagem 3.8 – “Falsamente ‘Attribuído a Nicolau Taunay’ pelo velhacão auctor desta biografia.” Anotação feita por Afonso sobre a atribuição de um autorretrato de seu bisavô por Laudelino Freire no “Galeria Histórica”. O equívoco seria observado, em tons mais polidos, no livro *Nicolau Antonio Taunay: sua vida, documentos e obras*, de 1916. Crédito fotográfico: Carlos Lima Junior.

Imagem 3.9 – “Pessima expressão physionomica.” Fotografia colada na página em que constam as obras publicadas por Afonso Taunay, no livro dedicado ao seu bisavô, Nicolas-Antoine Taunay. Na base, “1917”, o mesmo ano em que Taunay assume como diretor no Museu Paulista, cargo em que permanecerá até 1945. Crédito fotográfico: Carlos Lima Junior.

Capítulo 4 – A viagem de Afonso d’Escragnolle Taunay: o estabelecimento do turismo e os guias de viagem durante a *Belle Époque* (São Paulo-Paris, 1909-1910)

Imagem 4.1 – No título de eleitor da República, Afonso Taunay, aos 41 anos de idade, ainda marcava sua filiação ligada aos titulares do Império: visconde e viscondessa de Taunay. Coleção Família Taunay. SVDHICO – MP – USP. Crédito fotográfico: Marcus Ozores.

INTRODUÇÃO – CONVITE À VIAGEM

UM METÓDICO TURISTA A BORDO DE UM “TITANIC TROPICAL”:
AFONSO TAUNAY E SUAS “NOTAS TOMADAS A ESMO”

Wilma Peres Costa

Carlos Lima Junior

Entre as preciosidades que integram a Coleção Família Taunay do Serviço de Documentação Histórica e Iconografia do Museu Paulista da Universidade de São Paulo (SVDHICO – MP – USP), encontra-se um curioso manuscrito, caprichosamente encadernado em couro verde, com letras douradas: o caderno em que Afonso d’Escragnole Taunay (1876-1958) registrou sua primeira viagem à Europa, realizada em 1909, em companhia da esposa, Sara de Souza Queiroz, da filha, Ana, e de uma pessoa chamada Emília, provavelmente ama ou governanta da pequena.

Organizadores deste livro, tivemos contato com o manuscrito em longas tardes passadas no acervo do Museu Paulista, quando nos descobrimos explorando, com diferentes indagações, o documento. Ao longo do fraterno convívio afetivo e intelectual que daí se desenvolveu, decidimos empreender a aventura da transcrição do caderno de viagem, o que acabou se transformando em um vasto empreendimento coletivo. A decifração da complicada escrita de Afonso Taunay permitiu incorporar à viagem um grupo de estudantes de graduação e pós-graduação em história, da Unifesp, colaboração decisiva para a transcrição e para a escrita e edição das notas técnicas. Decidimos também alargar as possibilidades de leitura que o documento suscita para além dos nossos olhares e recortes – a historiografia, a história do turismo, a reflexão sobre a iconografia possível para dialogar com o texto.

O diário registra um período de 114 dias (as anotações vão de 26 de maio a 15 de setembro de 1909), dos quais 16 foram passados a bordo (um deles em Lisboa), 65 dias em Paris, e uma vilegiatura de 33 dias entre a Suíça, Itália e Alemanha. A viagem nele descrita é cercada pelo desvelo da grande parentela de Sara, presente desde a partida do Brasil, recebendo os viajantes na

chegada e acompanhando-os na longa estada em Paris e no circuito europeu. Embora esse enquadramento familiar esteja explícito em várias passagens do documento, muito pouco encontraremos nele sobre os afetos privados. A jovem esposa é mencionada com parcimônia nessas notas, assim como a pequena Ana, que ocupa apenas algumas poucas, embora intensas, páginas do relato, pois foi acometida de sarampo em Paris suscitando aflitos cuidados de seus pais. Sequer saberíamos, pela leitura do documento, que Sara se encontrava novamente grávida quando embarcou, em maio de 1909, pois o segundo filho do casal, desta feita um menino, viria a nascer em Paris, em novembro daquele ano. Os incômodos da gravidez talvez expliquem muito do mal-estar de Sara durante a longa travessia marítima, também mencionado pelo esposo. Certamente, mesmo que não estivesse gestante, Sara não desfrutaria da mesma liberdade em deslocar-se pelas ruas de Paris, bem como pelas ruas das outras cidades europeias, como fez Taunay, que perambulou pelos elegantes *boulevards*, mas também por regiões ignotas da capital parisiense, retornando para o apartamento tarde da noite. Esse livre trânsito, próprio do *flâneur*, a “apreciar a alma encantadora das ruas”, sozinho ou acompanhado, era possível ao homem, vedado à mulher.

Econômico nas narrativas sobre a vida familiar e afetiva, o caderno oferece, por outro lado, farto material para os pesquisadores interessados na formação do historiador Afonso Taunay, e nos seus anos de formação. Esse aspecto nos impressiona desde logo pela íntima e complexa relação que ele sugere entre a “coleção” e o “coleccionador”, vale dizer, entre esse vasto material documental sobre mais de quatro gerações da família Taunay que constitui a coleção adquirida e conservada pelo museu e a marca que neles imprimiu Afonso Taunay, que os reuniu e qualificou. A experiência da viagem foi aí tema constante, em textos e imagens, nos deslocamentos da família entre a França e o Brasil, nos registros deixados pela trágica memória do pintor-viajante Adrien Taunay, e naqueles muitos registros das viagens do seu pai, o visconde de Taunay, pelo Brasil.

Olhando sob uma outra chave, vale lembrar também que organizar coleções, repertoriar e acondicionar objetos para serem dispostos para o olhar do público foi sempre uma parte integrante do labor dos viajantes e naturalistas do século XIX, aos quais Afonso Taunay viria mais tarde ligar de maneira estreita seu trabalho de historiador. No espaço que oferecia para o

desfrute dessa paixão reiterada, o próprio museu viria a ser para Afonso um “grande navio”, onde ele reuniu registros, amostras e imagens, nessa metafórica expedição que organizou meticulosamente para excursionar pelos mares da história, e no qual vem, tardiamente, habitar os registros da memória pessoal e familiar.

No caso em questão, a migração do documento da esfera privada da guarda familiar tornando-se disponível para a consulta pública carrega consigo a própria natureza híbrida desse tipo de caderno, que é frequentemente utilizado para guardar lembranças que posteriormente serão trabalhadas em outras escritas, o que se evidencia no desvelo com que foi tratado, como se esperasse o momento em que transporia o círculo do mundo privado para receber outros olhares. Por outro lado, a liberdade com que o autor nele se manifesta, de forma nem sempre auspiciosa, sobre pessoas do seu círculo de relações sugere que ele não estava destinado à publicação, pelo menos não sem antes sofrer criteriosa edição, do que não encontramos sinal no manuscrito. No mesmo sentido, operam os registros de expressões abertamente misóginas e racistas, atestando sem filtro ou mediações o repertório de verbalização das elites da época e seus valores. Essa é mais uma razão para sublinhar o interesse do diário, retrato sem retoques das expansões privadas de seu autor e do universo social por ele compartilhado.

Quando entramos em contato com o documento aqui transcrito, uma nova mudança estava em curso. O Museu Paulista havia cerrado suas portas ao público e tapumes e lonas estavam dependuradas na fachada do imponente prédio para evitar que rebocos das paredes da antiga construção caíssem nas cabeças dos transeuntes desavisados. Recebendo das mãos de um guarda uniformizado um capacete amarelo, daqueles que se usam na construção civil, nossos olhares percorriam o *hall* de entrada, onde as peças da exposição – que um dia foram dispostas por ordem do próprio Afonso Taunay – estavam embaladas em caixas de madeira e enroladas com plástico filme para protegê-las do transporte, que as levariam para galpões alugados pela USP, para que se iniciassem as obras de restauro do edifício. Compartilhando a atmosfera de provisoriedade, própria das situações de mudança, a documentação estava agora distribuída em 23 pastas plásticas e presas com elástico.

No meio de uma parafernália de papéis familiares, bilhetes, *croquis*, desenhos, recortes de jornal, testemunhos do cotidiano e da contabilidade

doméstica, havia dois cadernos manuscritos: o diário encadernado com capa e contracapa, onde o jovem engenheiro fez anotações diárias, durante 114 dias narrando detalhadamente a viagem da família à Europa em 1909, e um caderno de anotações com dados técnicos referentes aos quadros pintados pelo seu bisavô, Nicolas-Antoine Taunay, espalhados por museus europeus. Percebemos aos poucos que esses apontamentos tinham estreita relação com o texto publicado na revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1911 intitulado “A missão artística de 1816”, parâmetro polêmico, mas incontornável dos estudos de história da arte no Brasil.

A pressa se impunha para que a documentação fosse fotografada antes que o prédio ficasse inteiramente interditado aos pesquisadores, de modo que nos aproximamos do documento primeiro pela sua materialidade, e pela fotografia, para só depois penetrar no seu conteúdo, seguindo em viagem ao lado do engenheiro Afonso Taunay, de onde brotava um historiador. O olhar do fotógrafo e do *flâneur*, que ganhamos a partir desse momento, graças à colaboração inestimável de Marcus Vinicius Ozores, impregnou de modo profundo a experiência da exploração desse relato, estendendo-se também à pesquisa das imagens que seriam incorporadas a essa edição. Esse olhar se expressa na relação às vezes cúmplice, às vezes tensa com o autor do diário – o engenheiro formado na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, em 1900, um ano após a morte do seu pai, o visconde de Taunay – na centena de dias em que anotou, com péssima letra, suas experiências, seus gostos e suas opiniões de lugares santos e mundanos e, principalmente, onde deixou anotada a sua posição de bom moço, em busca de um lugar na sociedade paulistana.

A tensão se explica porque o *flâneur* é, quase que por definição, um ser que desfruta a ociosidade e que pode dispor de uma manhã ou um dia inteiro para zanzar sem direção e descobrir os encantos de uma cidade quase que por acaso. O *flâneur* fotógrafo é aquela pessoa que persegue a luz do sol, pelas ruas estreitas da velha Paris, na busca de um ângulo único, ou então se esconde atrás do muro para fotografar um *clochard*, ou busca os grandes *boulevards*, em noite de lua cheia, para registrar aquele momento único em que uma velha senhora atravessa a rua com um *terrier* branco e preto, preso à coleira. O *flâneur* deixa-se levar pelos cheiros, pela música e pelos antros, cantos e encantos da cidade.

Já o engenheiro Afonso d’Escagnolle Taunay jamais se deixa levar pelo espírito do descaminho. Ao longo do seu relato, todos os dias têm um objetivo,

seja adquirir novas informações ou ampliar seu relacionamento social. Mesmo quando caminha pelas ruas de Paris, Afonso nunca deixa transparecer que a escolha do caminho pelo *boulevard* A ou B tenha sido fruto do acaso. Tudo tem um sentido, um objetivo ou um destino.

Essa tensão está presente no repertório de imagens que percorremos sobre a Paris de 1909, em grande parte devedora do olhar de Marcus Vinicius Ozores e de suas argutas sugestões. Ao olhar disciplinado do jovem engenheiro, ávido de tudo registrar, pensamos corresponder o rico repertório de cartões-postais de época, encontrados sobretudo no acervo da Bibliothèq̃ue National de France (BNF), bem como testemunhos visuais das artes e dos espetáculos que ele presenciou na vida cultural e boêmia da capital. Mas consideramos que valia a pena matizar esses registros com a percepção refinada das fotos de Eugène Atget¹ com as quais nossos olhares dialogaram durante a transcrição. Como inventariante da velha Paris ameaçada pelo urbanismo moderno, ele fotografou ruas, mansões, igrejas, edifícios antigos e os precários vestígios da atividade humana: comércio ambulante, lojas antigas, lugares habitados e espaços vazios, marcados às vezes apenas pelas sombras de seus moradores. Algumas vezes esse exercício ganhou também a companhia imaginária de um outro grande *flâneur*, o cronista carioca João Paulo Barreto, o João do Rio, que esteve na Europa entre dezembro de 1908 e abril de 1909 e publicou algumas de suas saborosas crônicas sobre o Velho Mundo na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, enquanto o nosso engenheiro desfrutava a estada parisiense. Embora não haja registro de que alguma vez se tenham encontrado, assim como Atget, João do Rio ajudava a acrescentar matizes e sabores à bem-comportada narrativa de Afonso.

As anotações se interrompem, sem maiores explicações, em setembro, muito embora o retorno da família ao Brasil só viesse a se dar em 17 de fevereiro de 1910. Duas notas do *Correio Paulistano* nos indicam a presença da família na Europa até fevereiro daquele ano. A primeira, datada de 5 de fevereiro de 1910, a partir de um telegrama da Itália, nos fala de uma conferência proferida por Afonso Taunay, na Universidade de Roma.

Uma conferência sobre a história do Brasil

O professor brasileiro dr. Escragnoille Taunay ofereceu na Universidade dessa capital uma conferência sobre a história do Brasil.

O conferencista discorreu brilhante e proficientemente sobre o assunto, sobrevivendo do numeroso público grandes aplausos.

A referida conferência deve ter-se dado nas vésperas do retorno, pois o mesmo *Correio Paulistano*, em 18 de fevereiro de 1910, traz a informação de que “acompanhado de sua exma. família regressou ontem da Europa o dr. Afonso d’Escragnolle Taunay, lente da Escola Politécnica e do Ginásio de S. Bento”.

A interrupção das anotações cinco meses antes do retorno da família ao Brasil coloca-nos uma primeira inquietante indagação. Por que teria ele deixado de anotar no momento do retorno a Paris, ao final da vilegiatura por Suíça, Itália e Alemanha?

Descarte-se desde logo que a interrupção seja resultado do descuido ou do enfado. Afonso Taunay escreveu em seu caderno todos os dias, em metódica e disciplinada prática. Há, nesse detalhado registro, pormenores que interrogam o observador mais atento e nos advertem para que não nos enganemos com a expressão “notas a esmo”, que encabeça as anotações. Ela é talvez uma mera concessão à retórica própria do gênero – relato de viagem, nesse início do século XX, quando a viagem conta já com elementos de grande previsibilidade e quando também o lazer e o desfrute cultural ocupam o lugar dos inventários e da precisão inerente aos relatos dos naturalistas.

A resposta à pergunta sobre por que teria se calado sobre a segunda parte da viagem pode estar no âmbito da vida privada, pois é possível que os meses finais da gravidez de Sara e o nascimento do bebê, o primeiro menino, desviassem a atenção do viajante para outros temas e o fizessem interromper as anotações. Ou, quem sabe – e aqui talvez esteja uma razão mais satisfatória –, nessa segunda metade da estada, ele não se percebesse mais como viajante, já ambientado em seu cotidiano parisiense e na rotina de estudos e pesquisas que passou a ser a sua paixão. Todos os indícios levam a crer que foi nesse momento que ele desenvolveu a escrita do trabalho “A missão artística de 1816”, que marcaria seu ingresso no ofício de historiador e nas instituições em que ele praticava, como o Instituto Histórico e Geográfico.

O certo é que o viajante, que aqui se camufla em turista elegante em visita à Europa, traz consigo inquietações diversas, que escapam pelas frestas de uma escrita de decifração difícil, mas ele as contém com firme disciplina, indicando, de certa forma, a inclinação metódica e sistemática presente em sua formação de engenheiro e que acompanharia suas escolhas como historiador. Uma hipótese possível é que o nosso autor estivesse a treinar uma escrita dentro desse gênero tão apreciado no século XIX – o relato de viagem, gênero que sempre teve forte

interlocução com a escrita da história. Certo é que ele se aventurava, nesse mesmo período da vida, em outro gênero correlato – o romance histórico. Seu livro *Crônica do tempo dos Filipes* seria publicado por uma editora francesa, E. Arrault et Cie., em 1910, certamente ao final de sua estada em Paris.

A leitura das anotações diárias, que podem ocupar algumas poucas linhas ou, conforme o volume de atividades desempenhadas, páginas inteiras, permite desvelar questões próprias do tempo em que nosso viajante está inserido e que perpassam as suas observações. É preciso recordar que, no momento do embarque, Afonso Taunay não era ainda o renomado autor do *Era das bandeiras*, publicado em seus grossos 13 volumes, ou mesmo o diretor do Museu Paulista, cargo que ocupará por quase trinta anos, e sim um professor de química, física e história do Ginásio São Bento; e que, apesar de recém-casado com uma Souza Queirós, não possuía um lastro econômico familiar que o equiparasse à esposa. Isso porque a fortuna acumulada no enlace entre os Taunay e os Teixeira Leite, sua ascendência paterna e materna respectivamente, escasseava desde os anos iniciais republicanos, impactada pela política econômica de Rui Barbosa.

Se faltavam recursos financeiros avantajados a Taunay, sobrava-lhe um capital cultural a seu alcance, possível para ser agenciado, uma vez que sua linhagem paterna esteve ligada não apenas a postos políticos do Império, mas às letras e às artes, e que remontavam à chegada de seu bisavô, o paisagista Nicolas-Antoine Taunay, junto de um grupo de artistas franceses afamados, ao Brasil, em 1816. A ida à Europa estava, certamente, entrelaçada aos desejos de remontar a história familiar, fincada em apenas um dos três ramos franceses, os Taunay – o que obscurecia, de certa medida, os Escragnolle e os Beaurepaire –, e de criar para si uma genealogia que o ombreasse a seus pares e justificasse, pelos usos do passado, o seu lugar social, naquele momento presente.

A viagem, antes de mero desfrute por lugares distantes, até então apenas conhecidos pelos relatos de outrem, não deixava de comportar uma “missão”, que desembocará na “Missão”. Por isso, no acúmulo de linhas que compõe o relato, é possível identificar um corte de ritmo em que a diversão da rua tumultuada por transeuntes cede, em certa altura da narrativa, lugar ao trabalho meticuloso no interior silencioso dos arquivos, dos museus e das bibliotecas.

O domínio do francês, o hábil manejo das teclas do piano, o traquejo no sociabilizar deixam transparecer a criação esmerada daquele homem que chegou à fase adulta e dominava os códigos sociais valorizados à classe a que

pertencia, introjetados desde a infância, sobretudo pela expressiva vigilância do pai, o Visconde de Taunay. Como o/a leitor/a perceberá desde o início, o relato da viagem não começa a ser redigido em terras estrangeiras, mas uma parte significativa se faz em meio ao Atlântico, na travessia de ida à Europa, dentro do navio. É do alto da primeira classe do moderno Orcoma, com todas as comodidades reservadas, que Taunay narra os dias passados no interior do transatlântico, compartilhados do convívio com tripulantes de variadas nacionalidades, entre eles, alemães, ingleses, portugueses, peruanos, argentinos, chilenos e uruguaios. Se, durante o dia, o convés é o lugar da sociabilidade, com o cair da tarde, após o jantar, o salão torna-se, na observação astuta de Taunay, o reduto da música, da dança – e das tensões. Desse modo, o salão onde o nosso viajante ganhará relativa projeção, justamente pela habilidade com o piano, serve como uma espécie de amostragem das rusgas políticas entre as nacionalidades em curso no continente, e carregadas para dentro do navio, seja de alemães com ingleses, ou mesmo em relação aos portugueses. Do mesmo modo, é durante a travessia que o autor se permite, de forma mais livre, a expressão de suas opiniões sobre as hierarquias sociais, as disputas entre os valores e comportamentos entre velhas e novas fortunas e o distanciamento cuidadosamente cultivado dos setores populares.

Nos comentários contidos no manuscrito sobre as animadas noites no navio, Taunay observa com desdém a presença de ritmos populares, como a “*zamacueca*”, cuja *performance* foi realizada, para a sua desaprovação, pelo embaixador chileno. O possível desajuste, ou o inconveniente, na visão de Taunay, estava naquela dança tida por indecorosa (“cafajéstica”), realizada por alguém confiado para ser representante de seu país no estrangeiro. A tensão se coloca aqui entre a música dita erudita e a emergência da “cultura popular”, cujos sons e ritmos adentram (a contragosto seu) o salão da Primeira Classe e para a qual os adjetivos empregados são os mais pejorativos possíveis. Vale notar que o Orcoma, divulgado na época como um navio moderno, elogiado por Taunay pela sua estabilidade em alto-mar, não teria um destino trágico como o do Titanic, que afundaria anos depois, mas seria “recrutado” pela marinha inglesa durante os conflitos armados da Primeira Guerra Mundial.

É preciso observar que os cartões-postais e as fotografias inseridos no decorrer do diário, indicados em nota, não pertencem à coleção da Família Taunay, ou mesmo ao próprio Afonso. A partir de uma pesquisa iconográfica